

Sandra Reimão (org.)

Livros e Subversão
Seis Estudos

Æ
Ateliê Editorial

FAPESP

Sumário



<i>Introdução</i>	9
1. “Zueno, Zoany, Zwenir”: Rastros da Vigilância ao Jornalista Zuenir Ventura Durante a Ditadura Militar – <i>Felipe Quintino</i>	13
2. Do Erótico ao Político: A Trajetória da Global Editora na Década de 1970 – <i>Flamarion Maués</i>	35
3. Livros como Prova de Subversão: Um Processo Judicial – <i>Ana Caroline Castro</i>	67
4. <i>Revista Civilização Brasileira</i> : Resistência Cultural à Ditadura – <i>Andréa Lemos</i>	91
5. Uma Edição Perigosa: A Publicação de <i>O Estado e a Revolução</i> , de Lenin, às Vésperas do AI-5 – <i>Sandra Reimão, Flamarion Maués e João Elias Nery</i>	119
6. “Quem Muda o Mundo São as Pessoas” – A Banca da Cultura do Crusp – <i>Sandra Reimão, Flamarion Maués e João Elias Nery</i>	147
<i>Referências Bibliográficas</i>	169

Introdução



A força dos livros enquanto veículo de difusão de ideias é reconhecida e temida pelos regimes autoritários; é deste temor que nascem as atividades censórias contra livros.

Esta coletânea reúne seis estudos que são resultados de pesquisas sobre casos, ocorridos no Brasil entre 1964 e 1985, em que livros foram vistos pelo poder ditatorial como possíveis instrumentos de subversão da ordem estabelecida e assim como potenciais inimigos a serem combatidos. Este livro também apresenta, por outro lado, estudos sobre editores e livreiros que fizeram de suas atividades profissionais uma forma de luta por mudanças da realidade social. Os estudos aqui publicados envolveram análise de documentos, muitos deles pouco estudados e mesmo inéditos.

No texto “Zueno, Zoany, Zwenir’: Rastros da Vigilância ao Jornalista Zuenir Ventura Durante a Ditadura Militar”, Felipe Quintino mostra como se dava a vigilância e a perseguição aos suspeitos de subversão, em particular aos acusados de vinculações ou simpatias com ideias comunistas. Quintino encontrou documentos do Dops referentes a uma sindicância instaurada para investigar a remessa de onze livros de “natureza subversiva” trazidos da França por solicitação de Ventura.

No ensaio “Do Erótico ao Político: A Trajetória da Global Editora na Década de 1970”, Flamarion Maués aborda a singular trajetória: de uma editora generalista para uma editora de livros políticos.

O estudo de Ana Caroline Castro no artigo “Livros como Prova de Subversão: Um Processo Judicial” mostra-nos como a posse de vinte e um livros de “literatura comunista” foi o primeiro item arrolado na acusação de subversão contra Francisco Gomes, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN). A acusação contra Francisco Gomes é parte do processo 102 do Projeto Brasil: Nunca Mais.

O editor Ênio Silveira, concomitantemente à sua grande e relevante atuação no mundo dos livros, editou também periódicos, com destaque para a *Revista Civilização Brasileira*. Esse periódico e seu fechamento, motivado por ameaças e intimidações da repressão – como o atentado a bomba contra a Livraria Civilização Brasileira, em outubro de 1968, além de pressões econômicas, como as restrições ao crédito bancário depois do golpe – são os temas do texto de Andréa Lemos.

As consequências de uma conjuntura de fechamento político sobre editores e livreiros são analisadas nos artigos de Sandra Reimão, Flamarion Maués e João Elias Nery.

Em “Uma Edição Perigosa: A Publicação de *O Estado e a Revolução*, de Lenin, às Vésperas do AI-5” os autores analisam como a decretação do AI-5 levou à prisão dos editores da obra de Lênin, feita por uma pequena editora de Niterói, Rio de Janeiro, em outubro de 1968, ou seja, cerca de dois meses antes do AI-5, e ao fim do projeto original da própria editora, que pretendia ter uma atuação política e de intervenção.

No estudo denominado “Quem Muda o Mundo São as Pessoas’ – a Banca da Cultura do Crusp” os autores estudam a livraria que

Introdução

foi fundada em fevereiro de 1967 e que manteve-se em funcionamento no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp) até 17 de dezembro de 1968, quando tropas do II Exército invadiram o Conjunto.

Acreditamos que o conjunto dos textos que compõem este livro permite uma visão clara e ampla do sentido político e de intervenção social que a edição de livros tem, em especial em momentos nos quais as liberdades democráticas são atacadas.

Seja como elementos de prova de uma possível ação subversiva (artigos de Ana Caroline Castro e Felipe Quintino), seja como o resultado do trabalho organizado de editores e livreiros que buscam intervir na vida social (artigos de Andrea Lemos, Flamarion Maués, Sandra Reimão e João Elias Nery), os livros são encarados pelos poderes repressivos como algo a ser vigiado e, se possível, impedido de circular. O poder que os livros possuem, a força das ideias impressas, por sua capacidade de difusão, é que dá aos impressos – e em especial aos livros – seu significado cultural e político insubstituível na história; e àqueles que os produzem, um papel particular no processo de criação intelectual.
